



## A COMUNICAÇÃO COMO ELEMENTO DE COESÃO EM COOPERATIVA NA ERA DA INFORMAÇÃO: UMA DISCUSSÃO TEÓRICA<sup>1</sup>

Fernando Goettems<sup>2</sup>, Daniel Claudy<sup>3</sup>, Pedro Luís Büttgenbender<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Esta produção possui vínculos com os Projetos de Dissertação de Mestrado e de Pesquisa liderados pelos co-autores, apoiados pelo CNPq e FAPERGS.

<sup>2</sup> Mestrando em Desenvolvimento Regional no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional -PPGDR/Unijui., Bolsista Prosc II/Capes. Graduação Jornalismo- Unijui. [fernando.goettems@sou.unijui.edu.br](mailto:fernando.goettems@sou.unijui.edu.br)

<sup>3</sup> Doutor em Desenvolvimento Regional (Unisc). Professor do PPGDR/Unijui. [daniel.silveira@unijui.edu.br](mailto:daniel.silveira@unijui.edu.br)

<sup>4</sup> Pós-Douto em Desenvolvimento e Políticas Públicas (UFFS), Doutor em Administração (UNAM e UFMS) Professor do PPGDR/Unijui. Pesquisador PQ/CNPq e Pesquisador Gaúcho/FAPERGS. [pedrolb@unijui.edu.br](mailto:pedrolb@unijui.edu.br)

### RESUMO

Este trabalho busca compreender como a comunicação pode ser um elemento de coesão, conectando pessoas e processos em cooperativa médica na Era da Informação, seguindo a definição do sociólogo Manuel Castells. Pretendemos, portanto, observar este campo das ciências sociais aplicadas para tentar compreender como as organizações cooperativas podem potencializar sua atuação a partir de ferramentas e do entendimento dos conceitos da cultura digital. A discussão é fruto de pesquisas no Mestrado em Desenvolvimento Regional da Unijui.

**Palavras-chave:** Cooperativismo. Comunicação. Desenvolvimento. Informação.

### ABSTRACT

This work seeks to understand how communication can be an element of cohesion, connecting people and processes in a medical cooperative in the Information Age, following the definition of sociologist Manuel Castells. Therefore, we intend to observe this field of applied social sciences to try to understand how cooperative organizations can enhance their performance through tools and understanding the concepts of digital culture. The discussion is the result of research conducted in the Master's program in Regional Development at Unijui.

**Keywords:** Cooperativism. Communication. Development. Information.

### INTRODUÇÃO

Segundo o dicionário Michaelis, em sua versão online, coesão é: “Coerência de pensamento ou de um todo”. Ou ainda: “Associação íntima entre pessoas que integram um grupo”. Ambas definições cabem nesta análise, que engloba cooperativismo e comunicação na era da informação. Isso porque, no estágio em que se encontra a humanidade, com





informação e como potencializar o processo cooperativista no mundo digital, em especial a partir do campo da Comunicação Social.

Em se tratando de Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), este trabalho tem relação com os seguintes Objetivos: ODS 8 - “Trabalho de decente e crescimento econômico”, que carrega o enunciado: “Promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, emprego pleno e produtivo, e trabalho decente para todos”. E também o ODS 9 - “Inovação infraestrutura”, que trata a respeito de: “Construir infraestrutura resiliente, promover a industrialização inclusiva e sustentável, e fomentar a inovação”.

## **METODOLOGIA**

Quanto aos procedimentos metodológicos, este trabalho é definido como pesquisa bibliográfica. De acordo com Gil (2007), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Sendo que “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

Convergente com este pensamento, Lakatos e Marconi, afirmam que “sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas” (2003, p. 182). Porém, como alerta aos pesquisadores que se utilizam deste método, as autoras observam que o importante é se utilizar das fontes, no sentido de mediar a pesquisa e o entendimento do tema, e não meramente repetir o que os autores primários trazem: “dessa forma, a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”, (2003, p. 182).

## **COOPERATIVISMO**

Em meados do séculos XIX um movimento que, podemos dizer, transformou o mundo, surgiu na Inglaterra: o cooperativismo. No ano de 1844, 28 tecelões se uniram em Rochdale para formar a primeira organização cooperativa do mundo moderno. Desde a







Para fins comparativos, a diferença entre uma cooperativa e uma empresa de outra natureza é que a primeira está a serviço das pessoas que a formaram e não o contrário (Forgiarini, 2022).

Falando especificamente de Brasil, segundo Büttembender, et al. (2022) “até o ano de 2019, o sistema cooperativo possuía 13 ramos distintos. Em 2020, após um processo democrático com avaliação dos benefícios para as cooperativas, passou para uma estrutura de sete ramos: agropecuário; consumo; crédito; infraestrutura; saúde; trabalho produção de bens e serviços; e transporte conforme Resolução OCB nº 56/2019 (OCB, 2022)” (p. 3).

Uma vez caracterizado o cooperativismo, discorre-se mais detidamente sobre o Sistema Unimed e, como subtópico, a Unimed Noroeste/RS, singular com atuação em 52 municípios da macrorregião e sede em Ijuí.

## SISTEMA UNIMED

Seguindo os preceitos universais do cooperativismo, em 18 de dezembro do no ano de 1967, na cidade de Santos, em São Paulo, nascia a Unimed - União dos Médicos - primeira cooperativa de trabalho médico do Brasil e das Américas. Sob a liderança do médico Edmundo Castilho, ginecologista e obstetra, um grupo de médicos criou a iniciativa.

Em pouco tempo o movimento expandiu sua atuação, inicialmente pelo interior de São Paulo, depois para outras regiões do Brasil. “Na década de 1970, surgiram as Federações Unimed – as chamadas cooperativas de segundo grau, formadas por, no mínimo, três Singulares, visando padronizar procedimentos operacionais e estimular a troca de experiências entre as cooperativas de um mesmo Estado” (site Unimed do Brasil).

Avançando na história do Sistema, em 28 de novembro de 1975, ocorreu uma nova expansão: foi criada a Confederação Nacional das Cooperativas Médicas – Unimed do Brasil, entidade máxima do Sistema Unimed, congregando todas as Federações e Singulares. De acordo com o Relatório Integrado de Sustentabilidade da Unimed do Brasil, referente ao ano de 2023, publicado em 2024, a organização está assim estruturada:

O Sistema de Sociedades Cooperativas Unimed, que envolve a Confederação Unimed do Brasil, bem como a Confederação Regional, Unimed Nacional, Federações Estaduais, Intrafederativas, Interfederativas e suas Singulares; e o Sistema de Sociedades Auxiliares Unimed, que engloba a Fundação e a Faculdade Unimed, a



Unimed Participações, a Unimed Seguradora S/A, a Unimed Corretora Ltda, a Unimed Seguros Saúde S/A, a Unimed Saúde e Odonto S/A, a Unimed Seguros Patrimoniais S/A, a Investcoop e a Multicoop. (2024, p. 14)

Desta forma, o Sistema Unimed tem o seguinte propósito: “Promover saúde e qualidade de vida em nossas cidades, por meio do cooperativismo médico e do conhecimento em saúde, para que o maior número de pessoas possa viver mais e melhor”. (site Unimed do Brasil). Além disso, aponta sobre a Governança Corporativa: “Assegurar a governança sistêmica, o direcionamento estratégico, a identidade cultural e os valores da marca Unimed, apoiando as Federações e as Singulares na materialização do propósito do Sistema Unimed junto aos clientes” (site Unimed do Brasil).

Desta forma, a Unimed do Brasil, segundo suas publicações, é o “Maior Sistema Cooperativo Médico do mundo”. Atualmente, segundo dados oficiais, formam o Sistema 340 cooperativas com gestão administrativa (grande, médio ou pequeno porte), financeira e assistencial independentes, com 117 mil médicos cooperados, 19,7 milhões de clientes e mais de 29 mil hospitais, clínicas e serviços credenciados, além de 157 hospitais próprios. A Unimed tem, de acordo com seu site, 38% de participação no mercado nacional de planos de saúde e 21% dos médicos no Brasil conveniados, atendendo através dos planos oferecidos pelas operadoras do Sistema Unimed.

Neste contexto, Duarte (2001) define a o Sistema Unimed como um “Complexo Multicooperativo Empresarial”. Os médicos filiam-se às cooperativas de primeiro grau, as quais se vinculam às federações; estas, por sua vez, estão ligadas à confederação. A função expressa das cooperativas em todos os graus é prestar serviços aos seus associados” (Duarte, 2001). Ainda de acordo com Duarte (2001), duas singulares não podem prestar serviços em uma mesma região e as federações podem se sobrepor apenas em alguns casos específicos.

Na estrutura organizacional deste sistema cooperativista, a principal figura é o profissional médico: “são, simultaneamente, sócios e prestadores de serviços. Em alguns casos, podem ser funcionários das cooperativas, recebendo salários como auditores ou plantonistas de hospitais próprios, mas, em sua maioria, são cooperados, recebendo pagamento proporcional à sua produção (por quantidade e tipo de procedimento)” (Duarte 2001).





## **Unimed no Noroeste/RS**

O Sistema Unimed também está presente na região Noroeste do Rio Grande do Sul, com mais de uma singular. Em nossa análise, vamos nos ater à Unimed Noroeste/RS, com sede em Ijuí. Esta cooperativa surgiu no ano de 1971, sendo constituída como a segunda do Rio Grande do Sul, portanto, uma das pioneiras no país, criada por um movimento de cerca de 30 médicos. Na sua fundação, foi batizada como Unimed Ijuí. Segundo o seu site próprio:

A Assembleia Geral de constituição da Unimed, realizada no salão nobre da Prefeitura, foi presidida pelo médico Bruno Wayhs e teve como secretário o médico Armindo Pydd. Esta foi a segunda Unimed do Rio Grande do Sul, instituída poucos dias após a cooperativa de Erechim. A primeira sede da Unimed Ijuí foi em sala cedida pela Associação Hospital de Caridade de Ijuí. No ano seguinte, em 1972, mudou-se para imóvel alugado, na rua 15 de Novembro, em frente a atual localização do Banco do Brasil (centro). Devido ao rápido crescimento, a Unimed Ijuí construiu sua sede própria na rua Siqueira Couto, 57, inaugurada em 1979. A atual sede situa-se ao lado, no Condomínio Centro Médico Ijuí, na rua Siqueira Couto, 93. (site Unimed Noroeste/RS)

A singular também passou por movimento expansionista. Na década de 1990 os cooperados votaram por implantar serviços próprios, como o de Pronto Atendimento, Laboratório de Análises Clínicas, entre outros, culminando com a compra de um terreno para a construção de um hospital próprio.

O lançamento da pedra fundamental ocorreu em janeiro de 2001, em solenidade prestigiada por dirigentes de todo o Sistema Unimed do Rio Grande do Sul. A obra iniciou-se, de fato, em março daquele ano. Quatro anos depois, em 18 de março de 2005, a Unimed Ijuí inaugurou o seu moderno complexo hospitalar, situado na Rua Pedro Hammarstron, 287, em Ijuí, resultado de um investimento inicial de R\$ 19 milhões, aos quais se somam valores aplicados de forma permanente na qualificação da estrutura e na incorporação de novas tecnologias. (site Unimed Noroeste/RS)

Em 2009, em Assembleia Geral, a cooperativa assumiu nova nomenclatura: Unimed Noroeste/RS, para reforçar sua atuação em 52 municípios das regiões Noroeste, Celeiro e Médio Alto Uruguai. A cooperativa é dividida por coordenadorias, alocadas em municípios de



referências destas regiões, sendo elas: Ijuí (sede), Panambi, Frederico Westphalen, Santo Augusto, Três Passos, Tenente Portela e Palmeira das Missões.

Atualmente, segundo dados da cooperativa, conta com 430 médicos cooperados, atendendo a mais de 54 mil beneficiários. Além de serviços próprios, como o já citado Hospital Unimed Noroeste, localizado em Ijuí, conta com uma rede de mais de 140 prestadores de serviços credenciados, distribuídos em centros de diagnóstico por imagem, laboratórios, hospitais, clínicas e demais serviços. (Relatório de Gestão e Sustentabilidade 2023).

A cooperativa, como já indicado anteriormente, possui uma estrutura organizacional dividida em coordenadorias. E a estrutura de Governança é estabelecida da seguinte forma: a instância máxima decisória é a Assembleia Geral (Ordinária ou Extraordinária), seguida do Conselho de Administração, Presidência do Conselho, Diretor-Executivo, Conselho Fiscal, Coordenação de Área, entre outras instâncias, de acordo com informações do seu relatório de Gestão e Sustentabilidade, de 2023.

Ainda de acordo com o Relatório, a cooperativa possui em sua estrutura e setores de apoio, como a Secretaria do Conselho de Administração (apoia os órgãos deliberativos e fiscalizatórios internos), Gestão de Riscos e Compliance (para garantir a conformidade das operações com as disposições previstas em leis, normas, estatutos e demais regulamentos), Qualidade (busca a melhoria contínua de processos, de forma a garantir a satisfação dos clientes internos e externos) e Ouvidoria (visa assegurar a observância das normas regulamentares relativas aos direitos dos beneficiários de forma a subsidiar o aperfeiçoamento dos processos de trabalho da cooperativa), entre outros.

Uma vez caracterizado o cooperativismo e o Sistema Unimed, passa-se a abordar sobre a era da informação, como mencionado no início deste texto. Sendo assim, na próxima irá se aprofundar a temática que caracteriza o estágio atual da humanidade.

## **ERA DA INFORMAÇÃO**

Ao final do segundo século XX, diversos acontecimentos transformaram - e continuam transformando - a sociedade. Este cenário é definido pelo sociólogo Manuel Castells como “uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação”







que certas opções culturais ou sociais não poderiam ser seriamente encaradas sem a sua presença” (p. 26).

Outra afirmação de Lévy que é considerada pertinente para a compreensão desta temática, é sobre o domínio da técnica:

Uma técnica não é boa nem má (isso depende dos contextos, dos usos e dos pontos de vista), nem neutra (visto que ela é condicionante ou constrangedora, dado que tanto abre o leque quanto das possibilidades aqui como fecha mais adiante). Não se trata de avaliar os seus “impactos”, mas de assinalar as irreversibilidades a que nos comprometemos através da sua utilização, as ocasiões em que ela nos permitiria aproveitar, formular os projetos que explorariam as virtualidades de que ela é mensageira e decidir o que fazer com eles. (2000, p. 27)

Lévy também discorre sobre o desenvolvimento do Ciberespaço (2000) como “suporte de inteligência coletiva”. Caracteriza como um fenômeno ambivalente e complexo, pois ao mesmo tempo que amplia o repertório da humanidade, que possibilita avanços, também acarreta em isolamento dos indivíduos, sobrecarrega-os por excesso de informações e tempo em frente a telas, facilita o vício em jogos e ou em conexão, também se observa o domínio dos grandes centros mundiais com relação a funções importantes da rede, exploração de trabalhadores e grupos vulneráveis e o que ele chama de idiotice coletiva (dados vazios, boataria, conformismo, cultura das celebridades, etc.).

Já o autor Nicholas Negroponte, diretor do Media Lab do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, o conhecido MIT, em 1995, na transição mais acentuada do mundo analógico para um mundo digitalizado, captou o espírito da época e “previu” muitas características atuais há 30 anos atrás. “A vida digital exigirá cada vez menos que você esteja num determinado lugar em determinada hora, e a transmissão do próprio lugar vai começar a ser realidade” (1995, p. 159). Com a pandemia, por exemplo, isso se tornou uma realidade global e as videoconferências permitiram com que organizações seguissem funcionando no regime “home office”, por exemplo. E atualmente muitas organizações, universidades e instituições como um todo, seguem realizando boa parte dos seus processos de forma totalmente digital.

Outra característica salutar para a nossa análise, captada por Negroponte (1995), trata-se sobre a característica “on-demand”, conteúdo personalizado, da qual os comunicadores e as organizações em si buscam como se fosse uma jazida de ouro. Descobrir



o que o público, ou melhor, os consumidores querem, é tarefa que exige especialização constante e que dita boa parte do trabalho digital da atualidade. “A informação por encomenda dominará a vida digital. Nós solicitaremos, explícita ou implicitamente, tudo o que quisermos e quando quisermos. Isso exigirá uma reestruturação radical da publicidade nos programas de TV” (p. 163). Outra característica destacada pelo autor diz respeito sobre esta personalização de conteúdo, que acaba por modificar os produtos midiáticos, tal questão atualmente é, pode-se dizer, lei no mercado: “os anúncios serão tão personalizados que não se poderá distingui-los das notícias. Eles serão notícia” (p. 163).

Tais características que são destacadas a partir destes três autores, constituem-se como grandes desafios aos profissionais de comunicação em uma organização, não sendo diferente no ramo cooperativo. No próximo tópico do texto, apresenta-se características destes profissionais na história e nos dias de hoje.

## **COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL**

A atividade de Comunicação Institucional, pode-se dizer, tem estreita relação com atividades de Assessoria de Imprensa e Relações Públicas, ramos que surgiram profissionalmente no início do século XX, nos Estados Unidos, embora experiências de trabalho de imagem com a opinião pública tenham sido registradas ainda em meados do século XIX, segundo Pinho (2008), no capítulo “Orígenes e contexto da área - o contexto histórico do nascimento das Relações Públicas”, presente na obra História das Relações Públicas.

Ainda de acordo com Pinho (2008), a atividade reflete uma sociedade democrática, em que a opinião pública é importante para o processo político. “É justamente o fortalecimento da sociedade civil, com suas consequentes necessidades de discussão de temas relevantes e de mobilização política, que vai abrir espaço para o surgimento da atividade de Relações Públicas, demonstrando assim, o caráter eminentemente político das RP’s” (2008, p. 23). Corroboram com estas definições Falkenbach, Wittmann e Boff (2023).

Já as assessorias de imprensa tiveram como pioneiro o jornalista Ivy Lee, em 1906. Oriundo do Jornalismo, ele largou a profissão para fundar um escritório em Nova York. Entre os clientes, este profissional atendia a John Rockefeller, incumbido de zelar pela imagem pública do mega empresário. Como aponta a introdução do Manual da Assessoria de







com a imprensa, realizar ações, campanhas, eventos, divulgar produtos e serviços, entre outras atividades. Segundo Duarte, et. al (2018), a partir de entrevistas semi-estruturadas com profissionais da área, com foco em Brasília-DF, mudanças no desempenho das funções se devem a, principalmente, três fatores: “consolidação da comunicação como insumo estratégico nas empresas e a convergência de esforços das diversas disciplinas que a compõem; b) esvaziamento das redações com a migração do profissional com mais experiência para as organizações; e em terceiro, mas não menos importante, estaria o surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação, que passaram a exigir um profissional bem mais preparado e multifacetado” (2018, p. 7).

Atualmente, com a comunicação digital predominando as atividades, os profissionais desta área atuam com as redes sociais das empresas, acolhendo demandas, alimentando com conteúdo e utilizando também como ferramenta de prospecção de clientes e novos negócios. Portanto, é uma área considerada estratégica na maioria das empresas, e, cada vez mais, tem exigido atualização dos profissionais para com o mundo digital, ampliando o leque de atividades e técnicas necessárias a se dominar para o bom andamento cotidiano de um setor de comunicação institucional. “Os diferentes públicos de relacionamento das organizações provocam a necessidade de respostas imediatas, além de colocar os assessores de imprensa diante do desafio de habilitarem-se nas múltiplas plataformas que surgiram na última década, destacando a inevitabilidade de conhecimento e habilidades para a comunicação nas novas mídias”, afirma Duarte, et. al (2018, p. 14).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho teve como objetivo entender como a comunicação pode ser uma área estratégica em cooperativa, tendo como contexto os conceitos da Era da Informação. Em outras palavras, como esta área profissional pode ser um importante elemento de coesão nos processos internos de uma organização, em específico no Sistema Unimed, que, por ter abrangência nacional e estrutura multifacetada, em que cada singular e federação tem autonomia em sua gestão, se caracteriza como um campo que abre muitas possibilidades de estudos.

Para entender esses processos e chegar ao objetivo primeiro, conceitua-se o cooperativismo e suas características contemporâneas, em seguida sobre o Sistema Unimed e







Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2001000400034>.

Dicionário Michaelis online. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Consultado em: 14 de julho de 2024.

Duarte, J. A. M., Barros, A. T. de, Cardoso, F. D., de Sousa Neto, H. R., Vidal, J. S. do N., dos Anjos, K. G. T., Oliveira, M. L. B. de, & Guimarães, M. F. Transformações na atividade de assessoria de imprensa no Brasil: um panorama atual da atividade a partir de pesquisa de campo exploratória. *Comunicologia - Revista De Comunicação Da Universidade Católica De Brasília*, 11(2), 3-19. 2019. <https://doi.org/10.31501/comunicologia.v11i2.9999>.

Falkembach, F. R., Wittmann, M. L., & Boff, V. A. Capital Social, Cooperativismo e Desenvolvimento: Um Estudo em uma Cooperativa de Crédito. *Desenvolvimento Em Questão*, 21(59), e12372. 2023. <https://doi.org/10.21527/2237-6453.2023.59.12372>.

Fenaj. Manual de Assessoria de Comunicação/Imprensa. 4ª ed. Federação Nacional dos Jornalistas. 2007. Disponível em: [https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/03/manual\\_de\\_assessoria\\_de\\_imprensa.pdf](https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/03/manual_de_assessoria_de_imprensa.pdf) Acessado 30 de junho 2024.

Forgiarini, D. I. Identidade cooperativista como vantagem competitiva. In: GRIEBELER, M. P. D.; et al. (org.). *Dicionário contemporâneo de cooperativismo*. Uruguaina/RS: Ed. Conceito, 2022.

Gil, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

História das relações públicas: fragmentos da memória de uma área/ Cláudia Peixoto de Moura (Org.) – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2008. 700 p.

Lakatos, Eva Maria e Marconi, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica* - 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2003.

Lévy, Pierre. *Cibercultura*. Tradução: José Dias Ferreira. Lisboa : Instituto Piaget, 2000.

Manual de Assessoria de Comunicação. Federação Nacional dos Jornalistas - Fenaj. 4ª edição revista e ampliada. 2007.

Negroponte, Nicholas. *A Vida Digital*. Tradução: Sérgio Tellaroli, supervisão técnica Ricardo Rangel. São Paulo: Companhia das Letras. 1995. 231 p.

Relatório Integrado de Sustentabilidade da Unimed do Brasil 2023, São Paulo, 2024. 106 p. Disponível em: <https://www.unimed.coop.br/site/transparencia-relatorios>. Acesso em: 5 de junho de 2024.

Relatório de Gestão e Sustentabilidade da Unimed Noroeste/RS, Ijuí, 2024. 34 p. Disponível em: <https://unimednoroesters.com.br/relatorio-de-gestao-e-sustentabilidade>. Acesso em: 23 de julho de 2024.



Schneider, J. O. Identidade cooperativa: sua história e doutrina. Porto Alegre: SESCOOP/RS, 2019.

Unimed Noroeste/RS. Ijuí, 2024. Disponível em: <https://unimednoroesters.com.br/historico/>. Acesso em: 30 de junho de 2024.

Unimed do Brasil. São Paulo, 2024. Disponível em <https://www.unimed.coop.br/site/cooperativismo>. Acesso em: 30 de junho de 2024.

Wagner, V; Zamberlan, L; Büttendbender, P. Sparemberger, A. Cappelari, G. A Comunicação Social como ferramenta para a consolidação dos princípios do cooperativismo. Revista da Universidade Vale do Rio Verde. v.14, p.293 - 315, 2016. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/2473> Acessado em 30 junho 2024.